

Da depressão ao *New Deal*

REQUIÃO Se deseja crescer com soberania, o Brasil deve rejeitar o Estado mínimo e inspirar-se em Roosevelt e Vargas, diz o senador

A MINO CARTA E RODRIGO MARTINS



A indústria agoniza com a financeirização, alerta Requião

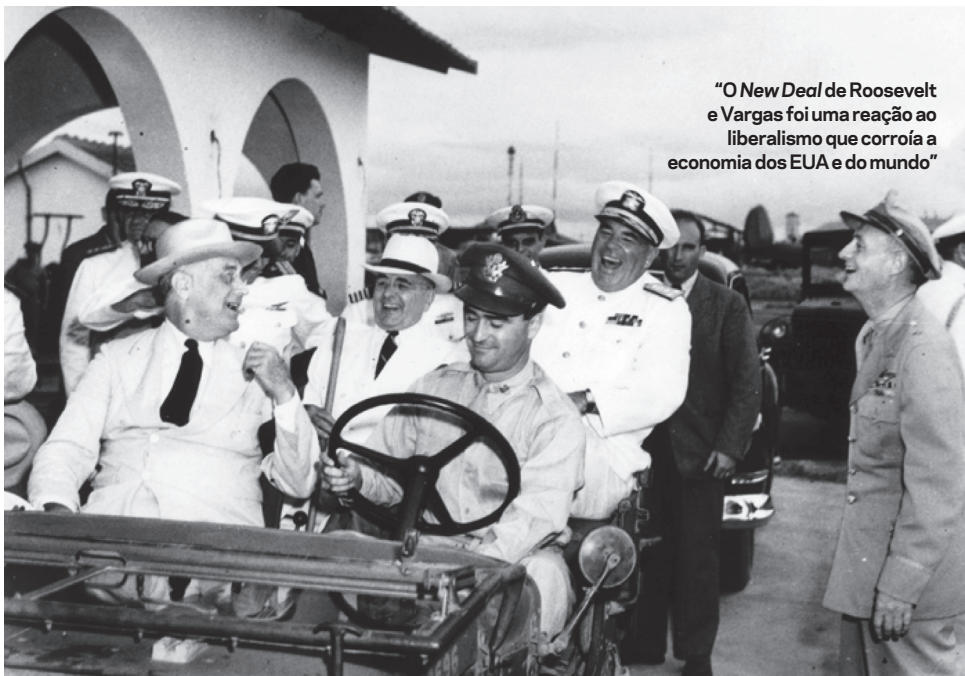
Enquanto a Lava Jato avança em sua cruzada paladínica contra a corrupção, o Brasil é forçado a engolir um projeto de Estado mínimo, que reduz a nação ao papel de mero exportador de *commodities*. Com o Banco Central controlado pela banca, o País ostenta uma das mais altas taxas de juro do planeta, a tornar mais atrativas as aplicações financeiras do que a produção. A indústria agoniza. O povo não tardará perder acesso a direitos básicos, como saúde e educação, com o congelamento dos investimentos públicos por duas décadas.

O aguçado diagnóstico é do senador Roberto Requião, ex-governador do Paraná e presidente da representação brasileira no Parlamento do Mercosul. Em entrevista ao programa *Jogo de Carta*, exibido na tarde da segunda-feira 31 pelo site de *CartaCapital* e pelo Facebook, o parlamentar defendeu a adoção de um programa de desenvolvimento nos moldes do *New Deal* de Roosevelt e Vargas. De acordo com Requião, não é hora de economizar. “Durante a crise de 2008 e 2009, os Estados Unidos investiram pesadamente para reativar a economia.” A íntegra da conversa, em vídeo, está disponível em www.cartacapital.com.br.

Jogo de Carta: Como o senhor se sente na República de Curitiba?

Roberto Requião: Mal, sobretudo pela seletividade da ação de Sergio Moro. Quando fui governador, fizemos algumas operações com ele, um juiz célebre.

WANEZZA SOARES



"O New Deal de Roosevelt e Vargas foi uma reação ao liberalismo que corroía a economia dos EUA e do mundo"

Hoje, está equivocado. Foi influenciado por uma visão distorcida da *Mani Pulite*, de que ele não poderia enfrentar a corrupção de forma horizontal, pois seria bombardeado pelo sistema corrompido. E ele se deslumbra com os prêmios e os elogios que recebe dos EUA. Tornou-se instrumento de uma mudança de rumos da economia nacional.

JC: Que mudança é essa?

RR: Atrás desse trabalho de Moro e dos procuradores sediados no Paraná, vemos a construção do Estado mínimo, a redução do Brasil ao papel de mero produtor de *commodities*. Pretende-se firmar o País como celeiro do mundo, enquanto o povo passa fome. É a destruição da nossa economia, com o fim da indústria. A política do ministro Henrique Meirelles é a do antecessor Joaquim Levy multiplicada por dez. Em 1980, o Brasil produzia industrialmente mais do que Tailândia, Malásia, Coreia do Sul e China. Hoje, produzimos 10% do que eles produzem. A financeirização da economia acabou com a indústria nacional.

JC: Não seria também fruto da incompetência dos industriais?

"Durante a crise de 2008 e 2009, os EUA investiram pesadamente para reativar a economia"

RR: É mais fruto da financeirização. No Brasil, é mais interessante aplicar dinheiro do que produzir. Parece que o Brasil esqueceu que o PT e Lula só cresceram pelo fracasso absoluto do PSDB no governo. Esse momento lembra o fim da era getulista. Em 1936, o presidente americano Franklin Delano Roosevelt visitou o Brasil. Na ocasião, declarou que o *New Deal*, o pacto americano em reação ao liberalismo que corroía a economia dos Estados Unidos e do mundo, era uma criação dele e de Getúlio Vargas. O brasileiro com a Consolidação

das Leis do Trabalho, com o salário mínimo, com Volta Redonda, e Roosevelt com o mesmo tipo de política por lá. Getúlio lançou as bases do Brasil industrializado. E nos EUA Roosevelt fez algo semelhante com as ideias de Henry Ford, de Frederick Taylor e de Hjalmar Schacht, que recuperou a economia alemã ao acabar com a remuneração do capital vadio. Schacht baixou a taxa de referência de juros na rolagem da dívida e estabeleceu uma taxa interna de retorno para quem investisse em parcerias com as empresas alemãs, em projetos de infraestrutura. Hoje, o que se combate no Brasil é o *New Deal*.

JC: O economista John Maynard Keynes, grande referência do *New Deal*, deve se revirar no túmulo ao pensar no Brasil.

RR: Não mencionei Keynes porque acredito que ele foi o grande sistematizador disso tudo. Inovou em algumas ideias do Ford, do Taylor, mas o precursor é o Schacht. Fato é que o Brasil rema na direção contrária. Essa PEC 241, que agora é 55 no Senado, é a paralisação do Brasil. Ford previu que a automação iria aumentar a produção americana, mas que não haveria consumo para absorvê-la. Propôs o aumento dos salários e a redução das horas de trabalho. Foi o que o Roosevelt fez. O que fazemos por aqui?

JC: Havia uma preocupação de formar um mercado interno.

RR: Sim, pois isso garante o crescimento de um país soberano.

JC: Lula parece ter percebido isso, não?

RR: Dilma mais do que Lula, ao menos num primeiro momento do seu governo, com o ministro Guido Mantega. Ele reduziu os juros, mas não resistiu à pressão da mídia.

JC: Voltemos por um instante à República de Curitiba. Por que o juiz Moro atua de forma seletiva, golpeia apenas o PT?

RR: Moro costuma dizer que não é da Polícia Federal nem do Ministério Público. O juiz julga e decide aquilo que lhe chega às mãos, não define os rumos da investigação, mas é evidente a seletividade. E essas viagens repetidas de Moro aos Estados Unidos são inexplicáveis. A vaidade é o pecado preferido do diabo.

JC: Moro julga o que lhe chega às mãos. No momento, ele recebe toda sorte de “convicções” dos procuradores.

RR: Sim, convicções de procuradores que manifestamente tinham ódio ao PT e, pelo que sabemos, portaram-se como militantes da campanha de Aécio Neves. Recentemente, emergiu a tese de que o problema da corrupção é excepcional e, portanto, exige medidas excepcionais. É a posição do jurista Carl Smith na República de Weimar. Esses procuradores se consideram paladinos. Colocaram na cabeça que o combate deles à corrupção vai salvar o Brasil. Enquanto isso, nós estamos entregando o País, acabando com a indústria nacional.

JC: Os defensores da austeridade fiscal enfatizam o desequilíbrio das contas públicas. O que seria um remédio mais adequado?

RR: O *New Deal* de Roosevelt e Vargas.

JC: Então não é a hora de economizar, de cortar gastos públicos?

RR: Pelo contrário, é hora de investir. O economista Carlos Lessa usa um exemplo magnífico. Imagine uma família com um teto de gastos, que não pode ultrapassar. Então o filho quebra a perna, e decide-se manter a perna dele quebrada, porque a família precisa pagar os juros estabelecidos pela banca, e todas as outras despesas são proibidas. É uma loucura. Durante a crise de 2008 e 2009, os Estados Unidos investiram pesadamente para reativar a economia.



“A ascensão de Lula é diretamente proporcional ao insucesso de Temer”, diz Requião a Mino Carta

JC: Qual é o objetivo de Temer?

RR: Conheço Temer e ele nunca falou em Estado mínimo. Falava em redistribuir o Orçamento para reforçar estados e municípios. Tinha ojeriza de algumas distorções da aposentadoria, que realmente existem. O estabelecimento do Estado

“A cúpula política do Brasil, inteira, está envolvida nessa corrupção sistêmica”

mínimo é coisa do Meirelles, daquele Denis Rosenfield, articulista do *Estado* e integrante do Instituto Millenium, do Marcos Lisboa. Temer não propôs nada, e agora está acreditando nisso. É um erro brutal, porque parte de uma análise equivocada da origem da crise.

JC: E qual seria a origem da crise?

RR: Ela emerge da carga brutal de juros

de dívida pública não auditada. Se a dívida fosse em dólar, estava resolvida, porque o dólar andou com juros negativos nos EUA. Atualmente, os americanos pagam taxas anuais de 0,50%. No Brasil, é de 14%.

JC: Haverá algum tipo de reação popular?

RR: Depois de sentir o sabor do acesso ao consumo, da ampliação de possibilidades de trabalho, o povo não vai tolerar ser jogado para baixo de novo. Estamos assistindo a uma *blitzkrieg* da imprensa. A mídia vem, demoniza tudo e daí a maldade está colocada. A classe média idiotizada concorda com tudo. A PEC do congelamento é uma tolice total. Tolice maior ainda é o projeto do Serra da securitização da dívida. Foi o que quebrou a Grécia.

JC: Há chance de barrar a PEC dos gastos públicos no Senado?

RR: Temos uma anestesia na opinião pública, patrocinada pela mídia. Soma-se a isso a fisiologia do Congresso. Poucos estão preocupados com o Brasil. A maioria pensa em como manter os mandatos e buscar reeleição. Vejo, porém, setores do País se levantarem contra a PEC 241. A CNBB deixou clara sua posição. Essa proposta corta os investimentos no Brasil, principalmente os sociais, mas abre uma porta sem limites para o pagamento dos juros da dívida. Juros administrados pela própria banca, porque o Banco Central é ocupado por indicações do Bradesco, do Itaú, dos rentistas. Se houver uma pressão forte, o Senado pode acordar.

JC: Faz sentido estabelecer um prazo de 20 anos para a vigência dessa proposta? E se a economia voltar a crescer em breve?

RR: Só faz sentido para o projeto de Estado mínimo. O objetivo é estabelecer um liberalismo econômico absoluto. Outro



dia, vi Temer e Serra defender a entrada do Brasil na área de livre-comércio do Transpacífico. Repare: os presidentiáveis Donald Trump e Hillary Clinton já disseram que aquilo não serve aos EUA, pois ameaça os empregos dos americanos. Mas Temer e Serra, nessa vassalagem absoluta, apoiam. Não devem se considerar mais brasileiros. Conheci o Serra da UNE. Era militante, hoje é de uma submissão total. O WikiLeaks denunciou o compromisso assumido por ele com petrolíferas estrangeiras de acabar com a partilha do pré-sal. Agora privatizam a BR Distribuidora, o segredo do sucesso da Petrobras.

JC: Quanto tempo dura essa tormenta?

RR: Acredito que terá vida curta. Não dou seis meses para essa proposta explodir, até porque a campanha paladínica de combate à corrupção será ampliada. Aqueles procuradores da “espada de fogo do Senhor” vão prosseguir. E a cúpula política do Brasil inteira está envolvida nessa corrupção sistêmica.

JC: Enquanto não chega essa hora, o que acontece com Lula?

RR: Nada. Eles queriam liquidar com a imagem dele.

JC: Não vão condená-lo?

RR: Não acredito. Dilma saiu do governo, diminuiu a carga de responsabilidade dela. Essa crise é resultante do encolhimento da China e potencializada pela corrupção do sistema político brasileiro. O povo ainda guarda a imagem do sucesso do governo Lula. A gestão ficou marcada pela inclusão de milhões de brasileiros no mercado de trabalho e de consumo.

JC: Como o senhor avalia o resultado das eleições municipais?

RR: É a desmoralização da política. Os que diziam não serem políticos tinham espaço enorme, mas foi a vitória do



financiamento dos candidatos. Os vitoriosos não ganharam por ser ou não políticos, e sim por ter dinheiro para a campanha.

JC: Onde estavam os eleitores de Lula e de Dilma?

RR: Decepcionados.

JC: Mas Lula segue na liderança das pesquisas para 2018.

RR: Ele é majoritário no primeiro turno, no segundo aperta. Mas, na medida em que essa política de Estado mínimo entrar pela porta dos brasileiros, volta a memória do bom governo de Lula. Ele era o líder político mais popular do planeta. Era “o cara” para Barack Obama. Esse sujeito existe na memória. A ascensão de Lula é diretamente proporcional ao insucesso de Temer.

JC: Diante dessa louvação ao Estado mínimo, da submissão aos interesses estrangeiros, onde estão os

militares nacionalistas?

RR: Castelo Branco instituiu a aposentadoria compulsória de generais. Essa rotatividade acabou com as grandes lideranças. De certa forma, o Exército tornou-se uma corporação que pensa mais no quanto a União destina aos seus profissionais.

JC: O senhor arrisca algum palpite sobre o cenário em 2018?

RR: Acredito que esse projeto amalucado de Estado mínimo fracassará antes. Aí teremos uma grande discussão. Agora, a imprensa está dominada. Estou conversando na *CartaCapital*, mas não tenho nenhum acesso à chamada grande mídia. Fui governador do Paraná três vezes, prefeito da capital, estou em meu segundo mandato de senador. E eu posso andar no arame do Senado Federal pelado que não vou ser notícia.

JC: Seria um espetáculo.

RR: Não seria porque eu iria cair (*risos*). Neste caso, talvez virasse notícia: “O porra-louca do senador morreu”.

JC: O senhor acha que Lula e Dilma erraram no trato com a mídia? O que poderia ser feito para assegurar maior pluralidade?

RR: Poderiam ter feito o que Cristina Kirchner fez na Argentina. A concentração da mídia potencializa a crise. É um monopólio, o capital segura verticalmente a comunicação no País.

JC: O PT errou ao acreditar na conciliação com as elites?

RR: Sim. Tem aquela velha história que repeti mil vezes, mas vale a pena recordar. Como governador do Paraná, dei uma força enorme para a televisão pública do estado. Um dia eu fui conversar com Lula e propus a ele: “Por que você não cria uma televisão pública forte no País?” Ele pediu para eu conversar com José Dirceu. Fui até ele e me surpreendi com a resposta: “Ah, nós já temos uma televisão”. Perguntei qual seria, e ele respondeu: “Temos a Globo”. Estavam completamente equivocados. •



Dirceu a Requião:
“Nós temos a Globo”

